



# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## GREVE VITORIOSA

### Em S. João da Madeira

#### 2.000 Operários em greve. Manifestação de 4.000 trabalhadores e trabalhadoras

**C**ansados de promessas que nunca mais eram cumpridas, cansados de fome e de miséria, cansados de esperar e de sofrer, os valentes operários sapateiros de S. João da Madeira, Couto, Arrifana e Nogueira do Cravo, lançaram-se na greve. Os objectivos da luta, eram os seguintes:

1.º — Luta contra os salários de fome.  
2.º — Luta contra a Pecuária e pelo fornecimento de peles e couros.  
3.º — Luta contra a burla do abono de família e contra o trabalho à peça.  
4.º — Luta pelos géneros.  
5.º — Solidariedade para com os camaradas grevistas da região de Lisboa.

No dia 3 de agosto, os operários de S. João da Madeira, Couto, Arrifana e Nogueira do Cravo, elegeram 3 comissões que no dia 4 apresentaram à patronal a necessidade imediata do aumento de salário.

O Sindicato tinha-se mostrado incapaz de resolver os problemas da classe. Os operários exigiam 2000 diários para os que trabalham nas fábricas e 2000 livres de todas as despesas para os que trabalham como domiciliários (artesãos). Uma dessas comissões recebeu 13 assinaturas de patrões dispostos a satisfazerem as reclamações. Os outros negaram-se a subscrever. No mesmo dia 4, os operários reuniram-se na sede do sindicato para tomar conhecimento das disposições da patronal. O presidente do Sindicato, depois de ver o descontentamento dos operários, seguiu para Aveiro nesse mesmo dia, levando a exposição dos operários à patronal e as assinaturas dos patrões dispostos a aumentar os salários. Esgotados todos os meios legais de luta, os operários sapateiros de S. João da Madeira, Couto, Arrifana e Nogueira do Cravo, viram-se forçados a recorrer à greve para obterem a satisfação das suas reivindicações.

No dia 5 de agosto, pelas 11,30 horas, desafiando as medidas terroristas decretadas no dia 29 de julho pelo Ministério da Guerra, 2.000 operários sapateiros, seguindo as palavras de ordem do Partido Comunista, lançaram-se em greve. A paralização do trabalho começou na fábrica Costa Bastos e estendeu-se em breve a 13 fábricas de calçado. Os operários começaram então uma marcha, de fábrica em fábrica, arrastando todos os trabalhadores para a greve.

À mesma hora, os operários de Couto, Arrifana e Nogueira do Cravo, tinham-se também declarado em greve e acompanhados de muitas mulheres seguiram para S. João.

Chegarão a esta vila quando os outros operários se encontravam à porta da Oliveira convocando os operários desta a aderirem ao movimento.

Aqui, toda a classe operária e toda a massa trabalhadora da região, operários e operários, camponeses e camponesas, reuniram-se à hora do almoço numa grande manifestação, protestando contra a falta de géneros e reclamando a satisfação das suas reivindicações. Mais de 4.000 tra-

balhadores e trabalhadoras, num magnífico movimento de Unidade Nacional, gritaram as palavras de ordem do Partido Comunista.

As autoridades, sentindo que a greve estava a alastrar por todas as fábricas, reforçaram a G.N.R. com forças de Vila da Feira que foram guardar os Paços do

—> continua na página 2

## DE NOVO À OFENSIVA!

**A**s massas operárias da região de Lisboa, conseguindo, apesar da feroz repressão do governo fascista de Salazar, manter-se em greve durante mais duma semana — alcançaram uma grande vitória política, cujas consequências não escamparam ao próprio fascismo. É necessário que todos os trabalhadores se convençam de que, se, para dominar as greves, o governo de Salazar recorre à força brutal, isso não demonstra só a força do fascismo, como também a sua fraqueza.

O fascismo teme que as grandes greves da região de Lisboa se alastrassem a todo o país e conduzissem ao levantamento em massa do povo português contra o seu domínio de fome e de traição, por isso, metralhou e espacou os trabalhadores indefesos, ocupou militarmente localidades e bairros, encorrou fábricas, decretou despedimentos em massa.

O fascismo teme a união e combatividade das massas; por isso, mantém ainda encerradas muitas fábricas. O fascismo teme a acção dos trabalhadores mais honestos e conscientes junto dos seus companheiros de trabalho; por isso, não permite a admissão de milhares de operários e continua a manter presos centenas de trabalhadores.

Assim, é por temer as massas trabalhadoras, por ser impotente para resolver os seus problemas, por se sentir fraquejar ante as acções decididas das massas, por se aperceber cheio de pavor que começou e ganha cada dia maior vigor o levantamento nacional contra o seu domínio de fome e de traição — que o governo fascista de Salazar emprega medidas terroristas com que procura intimidar os trabalhadores. O fascismo quer dar uma ideia de força para tapar a sua fraqueza.

Mas as massas trabalhadoras não se deixam atemorizar. Para não serem reduzidos à mais completa escravidão, os trabalhadores devem continuar lutando sem tréguas pelas suas reivindicações. Devem aproveitar este momento em que o fascismo e o patronato estão ainda apavorados com os últimos grandes movimentos de massas, para insistir na luta e exigir, com crescente intensidade, a satisfação das suas reivindicações. Uma vez reagrupadas as forças, no recuo que a classe operária efectuou após a greve, há que lançarmo-nos de novo e rapidamente à ofensiva. No momento presente não se trata de desencadear uma nova grande greve à escala regional ou nacional. Trata-se de empregar muitas pequenas ofensivas, em cada fábrica e oficina, exigir do — por intermédio de Comissões, reclamações em massa, etc. — a satisfação das reivindicações dos trabalhadores em cada fábrica e oficina. Em cada fábrica há que exigir fundamentalmente:

1 — O aumento de salários; 2 — O cumprimento de todas as promessas feitas durante a greve; 3 — A libertação de todos os trabalhadores dessa fábrica ainda presos e readmissão de todos os trabalhadores despedidos em consequência da greve.

Onde continuam ainda fábricas encerradas por ordem do governo, devem fazer-se manifestações junto das autoridades, exigindo a sua reabertura e devem interessar-se os patrões e os Sindicatos respectivos, o comércio local ou de bairro, nessa luta.

Por outro lado, em todo o país, os trabalhadores devem insistir para que as suas reivindicações sejam atendidas e, se apesar de todos os pedidos, protestos e reclamações, não for dada satisfação, devem lançar-se em formas superiores de luta, suspendendo o trabalho durante algumas horas ou indo para a greve onde as condições sejam favoráveis.

É necessário não dar tréguas ao patronato e ao fascismo. É necessário insistir e multiplicar as lutas reivindicativas, utilizando todas as formas e processos. No decurso dessas lutas, a classe operária treinará as suas forças, aperfeiçoará a sua organização, fortalecerá a sua unidade, para as grandes jornadas que não tardarão a vir.

## Contra a deportação DOS OPERÁRIOS GREVISTAS

O fascismo salazarista, não satisfeito com a brutalidade com que reprimiu as últimas greves e manifestações populares, continua a perseguir e a prender dezenas de trabalhadores e trabalhadoras e a fazer todos os preparativos para a formação de batalhões de trabalhos forçados com destino a qualquer campo de morte igual ao do Tarrafal. Somente no Barreiro o número de presos eleva-se a 50 entre os quais se contam para cima de 50 mulheres.

Estas prisões são levadas a cabo pela policia de informações e pela Legião. São estes os cães de fila que o fascismo utiliza na caça e perseguição a todos os melhores filhos da classe trabalhadora, a todos os melhores filhos do povo português, cujo crime é o de lutar abnegadamente pela defesa dos seus interesses, pela defesa dos interesses dos que trabalham e são vítimas da politica do governo fascista hitleriano de Salazar. Salazar, fascista e traidor, prepara a deportação de todos estes operários e operárias. Não tem conto as vezes que o governo, por intermédio da imprensa e dos seus lacaios, tem afirmado que uma das principais razões da falta de muitas coisas indispensáveis à vida nacional é a falta de meios de transporte. Mas para deportar e matar lentamente os melhores filhos do povo do nosso país — conforme o tem feito no campo de morte do Tarrafal — não faltarão ao fascismo os meios necessários de transporte.

Mas a classe operária e o povo honrado e trabalhador de Portugal, não consentirão que mais este crime seja praticado pelo governo assassino e hitleriano

de Salazar! A classe operária e o povo de Portugal, por meio da sua união e luta, fará recuar o fascismo português, impedindo assim as deportações de todos os grevistas, à base das seguintes palavras de ordem: Intensifiquemos a luta, por todos os meios, para impedir a deportação de todos os operários e operárias presos em consequência das greves e manifestações populares!

Formemos comissões de operários e operárias, sejam quais forem as suas opiniões políticas ou religiosas, que se avistem com os patrões e com as autoridades, exigindo a libertação e reintegração no trabalho de todos os operários e operárias presos!

Formemos comissões e grupos que se encarreguem de angariar fundos para socorrer os presos e suas famílias!

Enviemos protestos por escrito ao ministério da guerra contra a formação dos batalhões de trabalhos forçados e exigindo ao, mesmo tempo, a expulsão, desse ministério, do bandido Botelho Moniz!

Enviemos cartas às embaixadas dos países aliados pedindo a sua interferência, para evitar as novas deportações!

## A GREVE DOS GRÁFICOS

Seguindo o exemplo de dezenas de milhares de trabalhadores da região de Lisboa, os gráficos lançaram-se à greve no dia 2 de agosto. A paralização foi total na Sociedade Tipográfica (55 a 60 operários), na Renascença (40), na Agris. Na casa Almirante Pessanha paralizaram 50 de 100 operários. Na Minerva do Comércio, Santelmo, Canto Martins, Seara Nova, Rato, Papelaria Fernandes, Otográfica e Maurício Monteiro, a paralização foi parcial. No dia seguinte, a paralização atingiu todas as "casas de obra" de Lisboa.

Entretanto, a greve dos gráficos, ainda que tenha representado um grande esforço e um magnífico gesto de solidariedade para com as dezenas de milhares de trabalhadores em greve, não teve a extensão e efectividade que poderia ter tido.

Vários factores contribuíram para isso. Em primeiro lugar, a greve dos gráficos veio tarde, isto é, eclodiu com um acentuado carácter de solidariedade para com os outros trabalhadores em greve, num momento em que a luta declinava já na maioria das fábricas e empresas.

Em segundo lugar, a greve dos gráficos não foi orientada num sentido que interessasse directa e imediatamente a toda a classe, pois omalado algum se definiram com clareza os objectivos da luta. O manifesto que deu início à eclosão do movimento (manifesto esse que foi o produto da expiêndia iniciativa de camaradas sinceros que se encontravam momentaneamente desligados da direcção do Partido e que, de forma abusiva, assinaram em nome do Comité Central), lançava a consigna errada de que "não é de salários elevados que agora se trata".

Em terceiro lugar, a greve dos gráficos foi levada a cabo seguindo um processo de execução pouco eficaz, isto é, não greve de braços caídos, mas abandono das oficinas pelos operários mais conscientes decididos à paralização. Isto deu lugar a que os operários mais conscientes abandonassem os seus companheiros à pressão, promessas e ameaças do patronato, do que resultou que, na maioria dos casos, os mais conscientes abandonaram o trabalho e os restantes continuaram trabalhando.

Em quarto lugar, a greve dos gráficos não conseguiu arrastar o pessoal dos jornais diários, que eram decisivos dentro da classe.

Estas foram as principais deficiências da greve dos gráficos. Entretanto, essa greve representou uma bela iniciativa e um magnífico gesto de solidariedade para com as dezenas de milhares de trabalhadores que se encontravam em greve havia uma semana.

GRÁFICOS! É necessário formar e consolidar a organização em cada oficina e empresa. É necessário que em toda a parte sejam definidas com clareza as reivindicações a apresentar. É necessário formar em cada casa Comissões de Unidade que apresentem as reclamações ao patronato. É necessário prestar uma solidariedade material aos gráficos presos, perseguidos ou despedidos em resultado da greve.

GRÁFICOS! Unamo-nos e organizemo-nos para as novas e maiores batalhas da classe operária que se aviznam.

constantemente sobre o Sindicato. OPERÁRIOS SAPATEIROS DE PORTUGAL! Segui o exemplo das camaradas de S. João. Se o patronato e o governo não resolverem a vossa situação angustiosa, ide para a greve, apresentando as vossas reivindicações...

Continuação da 1.ª página

Concelho, reccando assaltos ao milho que ali se encontrava armazenado. O fiscal do horário de trabalho mandou a G.N.R. disparar as metralhadoras mas os soldados da G.N.R. não tomaram as ordens. Este individuo em consideração. Este mesmo oficial procurou convencer os trabalhadores a retomarem o trabalho. Mas os valentes operários em greve não se deixaram convencer pelas promessas feitas e mantiveram-se à frente dos Paços do Concelho aguardando que as suas reivindicações fossem atendidas. As autoridades puseram-se então em contacto com Aveiro e Lisboa (Governo Civil, Legião e Ministério da Guerra). As autoridades fascistas responderam com a maior das repressões às justas reclamações operárias. Foi dada ordem de prisão a todos os operários em greve e uma força da G.N.R. de Aveiro, armada de metralhadoras fez dispersar os trabalhadores. Foram cercados 200 operários, mas ao pôsto só chegaram 80. Os restantes conseguiram escapar-se. As valentes mulheres da região, num magnífico gesto de decisão, puseram-se à frente das camionetas que deviam conduzir os presos para o Porto e exigiram a sua libertação imediata. A sua posição foi tão firme e decidida, que a G.N.R. pôs em liberdade a maioria dos operários ficando apenas detidos 30 que seguiram imediatamente para o Porto. As heróicas mulheres não conseguiram a libertação destes 30 operários porque julgaram que não havia mais ninguém preso.

As 10,30 horas, as autoridades deam ordem à G.N.R. para encerrar laborios e mercantias, o mesmo acontecendo nos cafés, às 10 da noite.

Quatro dias antes do movimento, a classe dos chapeleiros foi informada pelo delegado do I.N.T. em Aveiro de que os salários não seriam aumentados. O descontentamento era e é geral. Só a inde-

cisão dos elementos mais conscientes da classe dos chapeleiros impediu que estes acompanhassem a greve. Se os chapeleiros tivessem paralizado o trabalho, os operários da Oliva teriam também ido para a greve e a paralização seria geral em S. João, o que daria muito maior força ao movimento, dificultaria as medidas repressivas e tornaria maior a vitória.

Durante o dia 6, os operários sapateiros começaram a retomar o trabalho. As autoridades fascistas da Legião, o delegado do I.N.T. e outros agentes do fascismo vindos de fora, prometeram concretamente, para que os operários retomassem o trabalho, que as suas reivindicações seriam atendidas. Esta decisão mostra que o governo se sentiu impotente para fazer cumprir o decreto do encerramento das fábricas.

No dia 9, houve uma reunião dos industriais, presidida por Botelho Moniz. Espera-se que os salários sejam aumentados em breve.

Intimidada pela luta decidida dos operários de S. João, a Pecuária apressou-se a enviar grandes quantidades de soja para aquela vila.

O facto de não encerramento das fábricas e da entrada dos mesmos operários para o trabalho sem necessidade de nova inscrição individual e o envio de grandes quantidades de soja, mostram-nos que a luta dos operários sapateiros foi uma luta vitoriosa que deve animar a classe para combater sempre com a mesma unidade e combatividade em defesa dos seus interesses.

Operários de S. João da Madeira, Gouto, Arifano, Nogueira do Cravo! Fortalecei ainda mais a vossa unidade. Continuai lutando, sem um momento de tréguas, até que sejam cumpridas as promessas que foram feitas para retomardes o trabalho. Formai em cada fabrica e officina Comissões de Unidade de funcionamento permanente para apresentarem as vossas reivindicações. Fazei pressão



# MARCHAS DA FOME POR TODO O PAÍS

**S**eguindo as palavras de ordem do Partido Comunista, milhares e milhares de trabalhadores, manifestam-se, em todo o país, exigindo o fornecimento de géneros e protestando contra a política de fome e de saque do governo salazarista de traição. O povo levanta-se em massa contra a fome que o fascismo de Salazar quer impôr aos trabalhadores, roubando os géneros ao povo, para a Alemanha hitleriana.

Há que estender, cada vez mais, a cnda de resistência. Há que multiplicar as marchas da fome e as manifestações pelos géneros. Por toda a parte, nas cidades, vilas e aldeias, há que organizar marchas da fome, com bandeiras negras desfraldadas, que vão junto das autoridades exigir que sejam fornecidos, imediatamente, os géneros necessários à nossa alimentação. Onde, a-pesar-de todos os pedidos e protestos, os géneros não sejam fornecidos, há que ir buscá-los onde os houver. Há que assaltar todos os locais onde estejam assambarcados, seja em casas particulares, seja em estabelecimentos comerciais, e distribuir os géneros pelo povo. Há que assaltar combóios e camions que levem os géneros para fora e distribuí-los pelo povo.

## GUIMARÃIS

No dia 1 de julho, reuniu-se uma grande multidão exigindo pão às autoridades. Um legionário puxou da pistola e deu um tiro, mas teve de fugir, depois de valentemente socado. Interveiu a G.N.R., para dispersar os trabalhadores. **Com a sua luta, o povo de Guimarães conseguiu que, logo a seguir, as autoridades arranjassem seis vagões de milho para distribuir à população.**

## DELÃIS (FAMALICÃO)

No dia 2, reuniram-se para cima de mil pessoas, no Sindicato, exigindo pão, que não tinham, havia já 4 dias, e trabalho, que não tinham também, havia 15 dias. Apareceu o governador civil de Braga, acompanhado do administrador do concelho de Famalicão, e aquele falou, dizendo que os operários tinham razão, mas que tivessem calma, não usassem de violências, porque com isso nada adiantavam, e só se prejudicavam, mas que eles tinham razão e, por isso, ele prometia-lhes arranjar pão. Este método de, nas discursetas, começar por dar razão aos operários, só no palavriado, está a ser muito usado, nesta região, pelas autoridades fascistas que, com ares paternais, misturados com ameaças veladas, quebram, por vezes, a combatividade das massas.

As autoridades fascistas, aterrorizadas pelos movimentos das massas, e obrigadas, por estas, a satisfazerem certas reivindicações, procuram fazer crer que é por "boa compreensão" e "generosidade" que agem. **Da luta do povo de Delães, e só dessa luta, resultou que as autoridades se apressassem a arranjar dois vagões de milho, para serem distribuídos nessa região.**

## RIBA DE AVE (FAMALICÃO)

No dia 8, nesta localidade, onde há várias grandes fábricas e, conseqüentemente, uma grande população operária, havia muitos dias já que as fábricas estavam paradas e não havia pão, **mais de 500 crianças juntaram-se à porta das industriais, pedindo pão.**

## VILA DO CONDE

Nos fins de junho, os operários foram em massa e administração exigir pão.

## TAIPAS (GUIMARÃIS)

No dia 8 de julho, houve distúrbios por causa da falta do pão. A G.N.R. interveiu e fez prisões.

## BRAGA, FAMALICÃO E TONDELA

Manifestações exigindo géneros.

**QUAMO-NOS!** Só unidos venceremos!

## Camponeses do Alentejo! À LUTA!

**O** PROLETARIADO agrícola alentejano vive numa situação cada dia mais dura e insustentável. Principalmente depois do odioso decreto do governo salazarista, que estabeleceu jornadas de fome para os trabalhadores rurais, os grandes latifundiários do Alentejo, os mesmos que, acobertados nos Grêmios, lançaram na penúria e na ruína a pequena e média lavoura nacional, acentuaram os seus propósitos de reduzir a condição de escravos, os camponeses alentejanos.

Utilizando-se da liberdade que lhes conferiu a famigerada portaria fascista, de 14 de maio, os grandes lavradores alentejanos estão já pagando salários de 800 aos homens e de 500 e 400 às mulheres.

Amarrados por um sistema de autêntica escravidão — que outra coisa não é a carta de trabalho, obrigatória, fornecida pelas Casas do Povo, e nas quais são averbados os "actos de indisciplina" dos "descontentes", o que impede os trabalhadores honestos, que não se sujeitam a todas as violências e vexames, de encontrar facilmente trabalho noutra lado — os trabalhadores rurais do Alentejo estão à mercê da exploração desenfreada dos grandes senhores agrários.

Assim, na região de **Machado**, durante a última celta, um tal Serafim, que tem uma fortuna superior a 30 mil contos, burlou miseravelmente os trabalhadores, esbulhando-os dos salários que se comprometera a pagar-lhes. Este "sanguessuga", que se comprometera a pagar aos trabalhadores nas primeiras cinco semanas, respectivamente 12, 16, 18, 20 e 22 escudos, e, nas outras cinco os mesmos salários mas em ordem inversa, o que levou os camponeses a recusarem melhores jornas oferecidas pelos outros lavradores de menos posses, quando chegou à semana dos 1800, recusou-se a pagar jornas mais altas e, à quinta semana, baixou bruscamente para os 1200, apesar dos protestos dos trabalhadores.

**Camponeses do Alentejo!** A luta vitoriosa dos camponeses de Ribatejo, deve ser um exemplo para vos. Nesta região, os camponeses triunfaram porque, unindo-se, souberam impôr a sua vontade aos grandes senhores da Terra. Graças à sua união e à sua decidida vontade de lutar, o fascismo salazarista teve de recuar e os camponeses conseguiram salários superiores aos estabelecidos pelo despacho de fome de Salazar.

**Trabalhadores Alentejanos!** Ide em massa junto das Casas do Povo e exigí a sua intervenção junto dos lavradores para que sejam pagas jornas compatíveis com o custo de vida. Organizai marchas da fome, indo com vossas mulheres e vossos filhos junto das autoridades, e dos grêmios de lavoura, juntando-vos todos nos campos e marchando em massa às vilas e cidades exigir a solução da vossa situação desesperada.

Se não fôrdes atendidos, só um caminho vos resta: **o assalto em massa aos "montes" dos grandes senhores, e a distribuição pelo povo faminto, dos géneros armazenados.**

Camaradas camponeses! Segui as indicações do Partido Comunista que ele vos conduzirá à vitória. Uni-vos na luta contra a fome e a escravatura dos grandes ladrões da terra alentejana. **Exigi a abolição das cartas de trabalho que vos amarraram à tirania dos senhores da terra. Uni-vos e luta!**

## Como foram libertados os camponeses do Ribatejo

No dia 11 de junho, realizou-se em Vila Franca de Xira, a tradicional Festa do Colete Encarnado, na qual é hábito exhibirem-se, com danças e canções, ranchos regionais. Mas este ano, os camponeses e camponesas do Ribatejo não esqueceram os seus camaradas presos e os ranchos regionais não apareceram a dar a costumada colaboração. A falta dos ranchos regionais comprometia todo o êxito da festa. Os lavradores procuraram então os camponeses para que os ranchos fossem à festa. Os camponeses responderam que só tomariam parte na festa se os seus camaradas (camponeses e camponesas) fossem postos em liberdade. Os lavradores, para que a festa não se tornasse num fracasso (o que prejudicaria os seus negócios) cederam e os presos foram postos em liberdade.

### ASSAMBARCADORES

**F.ões**, morador na R. Borges Carneiro, 43, Porto, tem em casa um celeiro de milho, feijão, etc., e grande quantidade de azeite. Há tempos fez sair por uma porta trazeira uma pipa de azeite.

**Pessoa & Silva**, largo Miguel Bombarda, Porto, tem géneros assambarcados para o mercado negro.

O povo morre de fome. Há que ir buscar os géneros onde quer que os haja.



## Um cemitério dos operários portugueses

Quando qualquer operário vai para a fábrica Textil Artificial do Porto (Ramalhe), pensa que entra para uma fábrica de tecidos de seda como outra qualquer. Mas todos veem logo no primeiro dia de trabalho o engano em que caíram, visto que do que se trata é de uma fábrica química de produção de fio de seda artificial, um autêntico cemitério de operários e operárias.

Por que é que os deshumanos patrões desta fábrica italiana querem fazê-la passar por uma fábrica vulgar de tecidos? Para pagarem menos aos operários, para evitarem pôr em prática as medidas higiénicas que as próprias leis salazaristas se viram obrigadas a inscrever nos códigos por causa da crescente pressão das massas trabalhadoras e ainda para pagarem menos décima.

Enquanto a companhia amontoa milhares e milhares de contos nos cofres, mais de 200 operários e operárias são agora verdadeiros trapos humanos, como se fossem condenados a trabalhos forçados: uns, dentro de celas-prisões, onde não há ar nem luz, em vez de secções de trabalho; outros em celas com uma atmosfera carregada de gazes nocivos aos olhos, que cegam e causam dores horríveis. Num estado tão lastimoso os operários são mandados para a "Mundial", onde lhes deitam umas gotas que os aliviam de momento, até poderem voltar à mesma negra vida. O que a "Mundial" e os patrões não tratam de evitar é curar são as doenças que minam as entranhas dos operários e os arruam ou matam. Para se fazer uma ideia da acção dos produtos químicos sobre os órgãos dos operários e operárias basta dizer que quando algum se esquece de deixar o dinheiro cá fora e leva uma moeda no bolso, ele fica de tal modo enegrecida que é preciso friccioná-la depois para poder passar. Quanto a assistência médica, cada operário é apenas inspecionado uma vez à entrada e outra passado dois anos.

Operários e operárias da textil artificial do Porto! Operários da cantina viscosa, do "barato", do ácido, da fição e da lavação; operários e operárias da branqueação, da torcedura de meadas, da dobragem e escolha!

Não deixeis que vos matem ou que matem os vossos irmãos e camaradas de trabalho! Formai comissões e exigi em massa, junto do patronato e das autoridades aumento dos salários.

Dizei que tendes fome, que não sois erminhosos como os salazaristas dizem, mas que o que quereis é um salário que chegue para o pão! Pedi máscaras que vos protejam dos gazes, fatos de borraça e amianto, que defendam o vosso corpo das queimaduras dos ácidos.

Exigi a construção de instalações higiénicas. Não vos fieis nas promessas do médico da casa, de vos mudar de secção porque isso é só para vos enganar! Lembrai-vos dos vossos camaradas Alberto e Arcínio que foram infelizmente enganados até serem postos na rua, sem quaisquer condições de vida.

A massa operária unida tem muita força! Só onde os operários e operárias lutam unidos pelas suas reivindicações é que os salazaristas aumentam os salários e melhoram as condições de trabalho.

Avante, pois, operários e operárias da Textil Artificial do Porto!

O "Avante!" é o único órgão dos trabalhadores. Difunde o "Avante!"!

## 1.ª SUBSCRIÇÃO EXTRAORDINÁRIA de 50 contos

Para a realização das gigantescas tarefas que se colocam ante o Partido, para a aproveitamento de todas as condições favoráveis que se lhe oferecem, para organizar e dirigir o levantamento da nação portuguesa contra o domínio sangrento do governo fascista de Salazar, para conseguir resistir, triunfante, à brutal ofensiva que o fascismo desencadeia actualmente contra o Partido, o Partido necessita de importantes recursos financeiros. Não bastam os escassos contos mensais com que até agora têm contribuído os Amigos do Partido, embora o seu esforço, nos últimos meses, tenha sido um magnífico esforço que muito tem ajudado o rebaixamento e desenvolvimento de todos os sectores da actividade partidária. No momento presente, o Partido necessita de centenas de contos. Por via da organização, o Secretariado do Comité Central lançou, no mês passado, um apelo para que fosse rapidamente coberta uma 1.ª Subscrição Extraordinária de 50 Contos. Algumas organizações do Partido, e grupos de simpatizantes, responderam imediatamente ao apelo, fazendo esforços e sacrifícios e tomando iniciativas que lhes permitiram contribuir com importantes quantias. É necessário que esta primeira subscrição extraordinária seja rapidamente realizada. Todas as verbas destinadas a essa subscrição, sejam grandes ou pequenas, devem ser entregues com uma indicação que as permita diferenciar das contribuições normais dos Amigos do Partido.

### Operários Conserveiros DO ALGARVE

O CONSÓRCIO Português de Conserveiros, um dos grandes "trusts" capitalistas criados pelo corporativismo fascista, é o ninho onde se acoitam os tubarões da indústria de conservas, esses sugadores do sangue dos trabalhadores conserveiros do Algarve.

A exploração mais desenfreada, o despojamento dos mais elementares direitos sociais, a miséria, a fome e a prostituição, eis o que caracteriza, desde há muito, a vida dos operários e operárias da indústria de conservas do Algarve.

As fábricas apenas laboram três dias por semana, e mesmo assim, sem horário determinado. O trabalho começa quando o peixe é descarregado nas fábricas, sejam 11 horas da manhã ou 2 da madrugada, e os operários conserveiros já sabem, pela sua dura experiência, que a falta de comparência significa para eles o despedimento, a taxa de preguiçosos e uma vida de fome mais negra ainda. Os donos das fábricas são os sobas que comandam inteiramente, no trabalho ou fora dele, toda a existência dos trabalhadores algarvios. Ainda há bem pouco tempo, numa fábrica de Portimão, foram despedidos oito operários que não se apresentaram ao trabalho por terem entre mãos uma empreitada a que se viram na necessidade de deitar mão, em virtude da irregularidade do trabalho na empresa.

Foi somente graças à atitude dos seus camaradas, que se recusaram a fazer o trabalho que a eles competia, como era desejo dos patrões, que essa medida não foi por diante, e eles puderam ser de novo readmitidos.

Se a estas arbitrariedades acrescer: termos o baixo nível de salários (8, 9, 12 e raramente 15 e 16\$00 para os homens; 8 e 9\$00 para as mulheres, sujeitos ainda às multas, descto. de 1\$00 semanais para o Sindicato, onde um punhado de vendidos traem os interesses dos seus camaradas de classe), poder-se-á avaliar a angustiosa situação dos operários conserveiros do Algarve.

Também as horas extraordinárias são pagas como salário normal. A jornada de trabalho tanto pode ser de 6 como 10, 16 ou 20 horas, apenas interrompidas de 4 em 4 horas para tomarem as miseráveis refeições.

Operários conserveiros do Algarve!

Só a vossa união, só a vossa luta organizada poderá fazer recuar os tubarões da indústria de conservas, nos seus propósitos de auferirem lucros cada vez mais

Dedicação . . . . .	2.000\$00
Sebastião Viola . . . . .	83\$00
Para a Vitória . . . . .	330\$00
C. E. . . . .	65\$00
Cam.ª de Fabr.ª . . . . .	20\$00
C.C.M. . . . .	20\$00
José Díaz . . . . .	230\$00
Campo Eléctrico . . . . .	20\$00
Orel . . . . .	60\$00
Smolensko . . . . .	100\$00
Para Berlim . . . . .	1.000\$00
+ + Para Berlim . . . . .	3.100\$00
Favosa . . . . .	50\$00
Serrano . . . . .	2.300\$00
<b>Total . . . . .</b>	<b>9.433\$00</b>

### Quantias recebidas dos amigos do Partido

Dois e mais 2 100\$00	Transporte 370\$50
B. Gonçalves 5\$00	Stáline(S) . . . 30\$00
P.P.P. . . . 23\$00	Maria José . . . 20\$00
M. Tomé (2) 10\$00	Sempre Uni-
Coba . . . . 5\$00	dos . . . . . 17\$50
Os Leais . . 7\$50	Timochenko . . .
Thaelmann . . . . .	(J) . . . . . 17\$50
(Solidarieda-	18 Janeiro(J) 5\$00
de aos Gre-	Méio . . . . . 3\$00
vistas) . . . 170\$00	G.ª P. (J) 45\$00
G.ª Rosa Lu-	Mundo Ver-
xemburgo . . 50\$00	melho (J) . . . 20\$00
A Transpor 370\$50	<b>Total . . . 528\$50</b>

fatuosos, à custa da vossa miséria!

A organização, aos consórcios dos capitalistas, dos mandatários do fascismo salazarista, há que responder com a organização e com a luta dos trabalhadores!

Os operários de Lisboa, Almada, Barreiro, S. João da Madeira, os camponeses do Ribatejo, Val do Vouga e Minho, mostram-vos como é possível parar a ofensiva de fême do salazarismo, como é possível quebrar o colete de forças do corporativismo!

Formai desde já comissões dos trabalhadores mais firmes e honestos e reclamai junto dos patrões um aumento de salário compatível com o custo de vida!

Exigi o estabelecimento da semana de seis dias e o pagamento a 50% das horas extraordinárias!

Obrigai os dirigentes dos sindicatos a servirem os interesses da classe e correí com os traidores!

Se os patrões não atenderem as vossas reclamações, **seguí o caminho que vos indicam os operários de Lisboa — o caminho da greve e da luta organizada!**

Operários e operárias conserveiros do Algarve! Só a luta poderá arrancar-vos à opressão, à fome, e à prostituição, às servícias dos encarregados e patrões.

Unidos para a luta!

# Salazar decreta o roubo do milho

## PARA O ENVIAR PARA O "EIXO"

Em face da resistência dos camponeses, no norte do país, recusando-se a entregar o milho aos ladrões do nosso povo que o queriam enviar para os assassinos hitlerianos, o governo salazarista de traição acaba de decretar, segundo noticiam os jornais de 20 de agosto, a organização legal do roubo do milho.

Segundo as disposições fundamentais deste decreto, todo o milho é comprado e pago pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo que o arrecadará nos seus celeiros... para mais à vontade o enviar para fora. Obrigam-se todos os produtores e possuidores de milho a efectuar um manifesto das suas colheitas e existências perante as Comissões Reguladoras do Comércio nos respectivos concelhos. A distribuição do milho pelos concelhos é determinada pelo organismo 5.º-colunista que é a Intendência Geral dos Abastecimentos.

É necessário desde já organizar a resistência contra este decreto que, a ser aplicado, causará a ruína dos pequenos produtores de milho e roubará às populações rurais o milho indispensável à sua alimentação, para o enviar para os bandidos fascistas alemães.

Os pequenos produtores não de-

vem dar, nos manifestos que são obrigados a preencher, a indicação exacta do milho das suas colheitas. Em toda a parte se deve resistir, em massa, à fiscalização dos agentes do governo e às requisições de milho que sejam feitas. Em toda a parte onde o fascismo queira roubar, pela força, o milho, aos camponeses, estes devem unir-se, resistir e distribuir o milho pelo povo ao preço da tabela (1\$60 o quilo, 1\$20 o litro).

Avante, contra o roubo do milho!  
Avante, contra as exportações do milho para a Alemanha fascista!  
Avante, contra o governo quinta-colunista de Salazar que quer matar o povo à fome!  
Avante, por um Governo Democrático de Unidade Nacional, que defenda os interesses do povo português!

## AS MANIFESTAÇÕES DAS CAMPONESAS EM COIMBRA

Por falta de espaço, não publicámos no último número do "Avante!" um relatório minucioso do importante movimento das camponesas da região de Coimbra, que noticiámos no número da 2.ª quinzena de agosto. Dada a importância desse movimento não queremos deixar de indicar os seus aspectos mais importantes:

Já de há muito se vinha a sentir a falta de pão em Coimbra. A agravar esta falta, juntava-se a má distribuição. Por mais de uma vez, a população tinha assaltado padarias.

Numa padaria, em que os padeiros saíam por uma porta trazeira para irem vender o pão aos fregueses ricos, as mulheres que se encontravam na bicha assaltaram o estabelecimento e distribuíram todo o pão pelo povo. Mas, quem mais sentia a falta da farinha, eram as massas camponesas, para quem o pão é alimento indispensável.

Durante semanas, as camponesas da região de Coimbra, reclamaram, junto das autoridades da cidade, o fornecimento de farinha, particularmente de milho. As autoridades, seguindo os conhecidos processos salazaristas, não fizeram mais do que promessas falsas. O descontentamento generalizou-se, as camponesas viram que as reclamações pacíficas nada resolviam, e decidiram-se a adoptar outras formas de luta.

E, assim, no dia 7 de julho, juntaram-se, em massa, em frente do Grémio (em Coimbra) reclamando farinha em alta voz. Como tentassem entrar no edificio do Grémio, foi imediatamente enviada uma força de polícia, armada de carabinas, que expunhou as valentes mulheres. As camponesas não se atemorizaram com essas barbaridades e continuaram a protestar, agredindo até o sub-comandante da P.S.P., o famigerado tenente Soares. Várias paços foram fei-

tas e a Polícia conseguiu desfazer a manifestação. As camponesas decidiram então voltar no dia 9.

Manifestos e cartazes do Partido Comunista, distribuídos pelas aldeias, lançando as consignas da manifestação em massa, exigindo farinha e a libertação das trabalhadoras presas, foram entusiasticamente recebidos pelas massas camponesas.

Receosos da anunciada marcha da fome, os fascistas, no dia 9 pela manhã, depois de terem feito todas as promessas demagógicas, fizeram patrulhar as ruas da cidade por forças da G.N.R. e da P.S.P.. Nas ruas de aces o a cidade foram colocadas metralhadoras para impedirem a entrada das camponesas em Coimbra. Mas, uma a uma, as valentes camponesas foram-se infiltrando na cidade e conseguiram realizar a manifestação a que se tinham comprometido, reclamando farinha e protestando contra as mentiras e as medidas de força, tomadas pelas autoridades. A polícia reprimiu brutalmente o movimento, chegando a lançar gazes lacrimogêneos sobre a multidão. Entretanto, as vendedoras solidarizam-se, e esta no desse dia o mercado vazio.

A tarde, à saída das fábricas, a Polícia a pé e a G.N.R. a cavalo, impediram que os operários e operárias fossem aos pon-

## 5.º Colunistas

Augusto Espirito Santo, gerente do dancing Arcádia, de Lisboa, mantém relações estreitas com agentes da P.V.E. Suspeita-se de que seja agente da Gestapo. Ultimamente foi a Espanha, com uma missão "misteriosa". Diziam pessoas que lhe são muito próximas que ia lá "preparar uma traição".

O delegado da Legião em Arouca e membro da P.V.D.E., Ferreira Pinto, que habitualmente vive no Póito, gastando escandalosamente, já era conhecido como deshonesto quando era agente de passagens e passaportes. Depois que entrou para a Legião, manda prender quem se oponha às suas maquinações ou quem não lhe satisfaça a desmedida ganância. Na própria Legião prometeu arranjar a saída dum legionário descontente se ele lhe desse 200\$00. Depois de lhe apanhar o dinheiro, é que o informou de que não se pode sair da Legião. Nos negócios de volfrâmio tem cometido as maiores falcatruas. Um dia assaltou na estrada um carregamento de volfrâmio sem guias — éle que está constantemente a negociar fora da lei! — e, sob a ameaça de denúncia, exigiu que lhe entregassem uns tantos contos.

Um tal J. Gonçalves, com estabelecimento de mercearia, no largo da Sé Velha, em Coimbra, serve-se do mercado negro para aumentar cada vez mais os seus lucros. Ainda há pouco tempo este cavalheiro enviou dois sacos de arroz, de 70 quilos cada, para Vila Franca das Naves, no caminho da fronteira, depois de ter negado cingicamente este artigo aos seus fregueses. Este caso foi imediatamente comunicado na sede da Legião Portuguesa a qual enviou um legionário para averiguar o que se passava. Claro que esse legionário, cumprindo as determinações superiores, em vez de actuar no sentido de punir o "candongueiro" e dificultar o envio do arroz para fora do país, ajudou ainda, por todos os meios, essa expedição.

Um tal Bandeira, de Espinho, que antes da guerra pouco tinha, com as traficâncias que fez na Comissão Reguladora a que pertence, tornou-se rico.

tos centrais da cidade. No dia 10, o "Diário de Coimbra", por se ter referido, no artigo de fundo, ao problema do pão, foi suspenso, ficando desempregados cerca de 30 operários.



# URGE ABRIR A 2.º FRENTE!

**Q**uando, no dia 5 de julho, o Alto Comando Alemão desencadeou uma das mais formidáveis ofensivas desta guerra, tentando, desesperadamente, e uma vez mais, aniquilar o Exército Vermelho, mal contava que, depois de 10 dias de resistência vitoriosa, o Exército Vermelho passasse, por sua vez, à ofensiva, esmagasse numa forma irresistível algumas das maiores fortalezas nazis na frente oriental e alcançasse vitórias que se contam entre as mais retumbantes de toda a guerra. Entre centenas de outras cidades, o Exército Vermelho reconquistou os importantíssimos centros de Orel e Bielgorod (dia 5 de agosto) e Kar-khov (dia 22). **As baixas infligidas**

aos fascistas foram tremendas. No dia 22 de agosto, o comunicado soviético podia anunciar que, em 40 dias de luta, haviam sido causadas aos alemães cerca de 1 milhão de baixas, das quais 300.000 mortos e 25.000 prisioneiros, e haviam sido destruídos ou tomados 4.600 aviões, 7.250 tanques, 5.100 canhões e 20.200 veículos diversos.

Os Exércitos hitlerianos continuam a ser sangrados irreparavelmente na frente leste. Agora já não têm a seu lado as forças dos vassallos da Alemanha. Essas forças foram, na maior parte, "pulverizadas" pelas armas soviéticas. A Romenia teve, em 2 anos de guerra contra a U.R.S.S., 250.000 mortos, 100.000 prisioneiros e 350.000 feridos. A Itália teve 60 mil mortos, 46.000 prisioneiros, 70.000 feridos. A Hungria teve 7 divisões reduzidas a metade em 1942; o seu exército, reforçado, foi completamente derrotado em 1943, cessando praticamente de existir. A estes números devem juntar-se as divisões fascistas, dizimadas, da Espanha, Bélgica, França, Noruega, etc., assim como do exército finlandês. Por sua vez, a Alemanha hitleriana teve milhões de baixas nas terras soviéticas desde o seu perfido ataque em 1941. As reservas humanas da Alemanha hitleriana estão-se esgotando, sem quaisquer possibilidades de se recompor. Graças à acção do glorioso Exército Vermelho, a Alemanha hitleriana caminha direita à derrota.

Uns anos atrás, ainda estava de pé no mundo o mito da "invencibilidade" da Wehrmacht. Foi no território soviético, perante a luta heroica das forças armadas e dos povos soviéticos, sob a direcção genial do camarada Stáline, que os exércitos hitlerianos conheceram, pela primeira vez, a derrota. As operações militares na U.R.S.S. não têm comparação, pela sua importância, grandeza das forças em presença, meios materiais e humanos empregados, baixas sofridas, com as operações até hoje realizadas em qualquer outro teatro da guerra. Quere isto dizer que não tenham havido outras importantes operações e que Hitler não tenha sofrido derrotas noutros campos de batalha? Sem dúvida que não. Na Líbia, na Tunísia, na Sicília, nas batalhas marítimas e aéreas, as forças hitlerianas conheceram já pesadas derrotas que lhes foram infligidas pelas armas anglo-americanas. Também na Iugoslávia (assim como noutros países ocupados) as heroicas guerrilhas do Exército Popular de Libertação causaram grandes derrotas às tropas fascistas. **Mas em todas estas operações a Alemanha hitleriana comprometeu um número insignificante de divisões.** Poude fazê-lo porque os recursos militares da Inglaterra e Estados Unidos estão ainda longe de

serem empregados na sua máxima força.

E, entretanto, se operações anglo-americanas contra o continente europeu conseguissem distrair da frente leste umas 30 divisões, Hitler não poderia resistir e seria rapidamente derrotado. A questão crucial da guerra é da derrota da Alemanha hitleriana continua assim sendo a questão da 2.ª Frente.

## O FASCISMO SERÁ DERROTADO!

Muitas vezes temos repetido que, por muito importantes que sejam os bombardeamentos aéreos, por muito importantes que tenham sido as campanhas de África e da Sicília, por si só, essas operações não representaram nada de comparável a **uma verdadeira 2.ª Frente.** De forma alguma estamos de acordo com as afirmações feitas em 22 de junho por Knox, Secretário da Marinha dos Estados Unidos, segundo o qual não se deveria mais empregar a expressão "2.ª Frente", por haver já numerosas frentes. Nem com certas opiniões de círculos militares anglo-americanos (e em particular do Secretário da Guerra, Stimson) segundo os quais os bombardeamentos aéreos são susceptíveis de fazer desviar da frente leste um número apreciável de divisões.

Não. Para nós, a vitória sobre Hitler exige a abertura da 2.ª Frente no continente europeu e a 2.ª Frente não se pode confundir com raids de Comandos, nem com operações que, por muito importantes que sejam, não ultrapassem a envergadura das campanhas de África e da Sicília.

O Exército Vermelho está tra-

vando batalhas gigantescas e triunfantes contra cerca de 300 divisões nazis. Não é demais exigir que a Inglaterra e os Estados Unidos empreendam na Europa acções militares que obriguem a Alemanha hitleriana a manter em luta no ocidente umas 80 divisões.

A Inglaterra e os Estados Unidos possuem poderosas forças, grandes reservas materiais e humanas. Só se exige que as ponham em acção. É possível que na Conferência de Quebec se tenha

resolvido atacar a fundo a fortaleza hitleriana. Mas o tempo passa, o Exército Vermelho em sucessivas campanhas gigantescas, tem aberto nítidas oportunidades de uma vitória rápida e, entretanto, essas oportunidades não têm sido aproveitadas pelos Exércitos anglo-americanos. Baldadamente, o camarada Stáline, no seu discurso de 6 de novembro de 1941, disse esperar a "abertura próxima" da 2.ª Frente. No inverno de 1941-42, e no verão de 1942, e no inverno de 1942-43, e agora no verão de 1943, **se a 2.ª Frente fosse aberta a Alemanha hitleriana seria rapidamente derrotada.**

Mas, mês após mês, e ano após ano, os dirigentes de guerra anglo-americanos têm adiado a abertura da 2.ª Frente.

Como disse o camarada Stáline em novembro de 1943, a 2.ª Frente acabará por ser aberta porque "os nossos aliados precisam dela não menos do que nós". Mas teriam sido poupados milhões de vidas se há mais tempo ela tivesse sido aberta. Quanto mais rapidamente for aberta mais vidas se pouparão e mais depressa o mundo se verá livre do pesadelo da guerra e do terror hitleriano.

## STÁLINE

### ANUNCIA A CONQUISTA DE OREL E BIELGOROD

Ordem do Comando Supremo das Forças Soviéticas. Dirigida ao Cor.-General Popov, Cor.-General Sokolovsky, General do Exército Rokossovsky, General do Exército Vatunine e Cor.-General Koniev.

**H**oje, 5 de agosto, tropas da frente de Briansk, assistidas nos flancos por tropas das frentes ocidental e central, ocuparam, em resultado duma luta pertinaz, a cidade de Orel. Hoje também, tropas da frente da Estepa e da frente de Voronej, venceram a resistência do inimigo e ocuparam a cidade de Bielgorod. Um mês antes, em 5 de julho, os alemães começaram uma ofensiva nas regiões de Orel e Bielgorod para cercar e varrer as nossas tropas situadas no saliente de Kursk e capturarem Kursk. Tendo repellido todas as tentativas inimigas para romper em direcção a Kursk, vindas de Orel a Bielgorod, as nossas próprias forças passaram à ofensiva. Em 5 de agosto, exactamente um mes depois do começo da ofensiva alemã de julho, elas recapturaram Orel e Bielgorod. Assim é desmentida a lenda alemã de que as tropas soviéticas são incapazes de conduzir uma ofensiva no verão. Para comemorar a vitória alcançada, as Divisões 5.ª, 120.ª e 380.ª, que primeiro irromperam em Orel e a libertaram, são condecoradas com o nome de "Divisões de Orel". De futuro serão chamadas a "5.ª Divisão de Orel", a "120.ª Divisão de Carabineiros de Orel" e a "380.ª Divisão de Carabineiros de Orel". A 89.ª Divisão de Guardas e a 305.ª Divisão de Carabineiros, que primeiro irromperam em Bielgorod e a libertaram, são condecoradas com o nome de "Divisões de Bielgorod". De futuro serão chamadas a "89.ª Divisão de Guardas de Bielgorod" e a "305.ª Divisão de Carabineiros de Bielgorod". Hoje, 5 de agosto, às 21 horas, a capital do nosso país, Moscovo, saudará as nossas valentes tropas que libertaram Orel e Bielgorod com 12 salvas de artilharia de 120 canhões. Pelas excelentes operações ofensivas, exprimo o reconhecimento a todas as tropas sob a vossa direcção que tomaram parte nas operações para a libertação de Orel e Bielgorod. Glória eterna aos heróis que caíram na luta pela liberdade do nosso país. Morte aos ocupantes alemães!

Comandante em Chefe Supremo, Marechal da União Soviética, Stáline, 5 de agosto de 1943.